

# ESTIMATIVA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA NA CIDADE DE SÃO PAULO\*

Fúlvia Rosemberg

Fundação Carlos Chagas e PUC-SP

---

## RESUMO

Relato da pesquisa realizada pela Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social que estimou o número de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo em 1993. O texto situa a pesquisa no contexto discursivo e das políticas sociais dos anos 80, destacando o equívoco de associar-se inexoravelmente a pobreza ao abandono de crianças.

MENINOS DE RUA — CIDADE DE SÃO PAULO — POBREZA  
— ESTATÍSTICA

## ABSTRACT

AN ESTIMATE OF THE NUMBER OF STREET CHILDREN AND ADOLESCENTS IN THE CITY OF SÃO PAULO. This is a report on research developed by the Children, Family, and Social Welfare Department, which estimated the number of children and adolescents living in the streets of São Paulo in 1993. A discourse approach is adopted, placing the research within the context and the politics of the eighties, and highlights the error of inexorably associating poverty with the abandonment of children.

---

\* Este artigo baseou-se parcialmente no relatório *Cortagem de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo* (Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social, 1993).

Quadro 1

## ESTIMATIVAS INDIRETAS SOBRE O NÚMERO DE MENINOS DE RUA NO BRASIL E NA AMÉRICA LATINA

AUTOR/FONTE/ANO	A. LATINA (milhões)	BRASIL (milhões)	OBSERVAÇÃO
- Taçon (Cons. UNICEF, 1981)	40	20	Abandonados
- Black (Esc. UNICEF, 1986)	40	3	De rua
- Escritório UNICEF, Brasil (1987)	—	7 a 10	Trabalhando ou vagando pelas ruas
- Landers (Cons. UNICEF, 1988)	15	10	"Estimativas conservadoras"
- As crianças nas Américas (UNICEF, 1992)	15 (p.7) 8 (p.8)	—	6 a 18 anos lutam para a sobrevivência nas ruas
- Anistia Internacional (Enfoque, 1991)	—	7	Vivem/trabalham nas ruas
- Int. American Parliamentary Group on Pop. Development (1990 apud Lusk, 1993)	—	7	De rua
- Fed. Internacional dos Direitos Humanos Associação Internacional de Juristas Democratas (1987)	—	30 a 32 36	Abandonados Abandonados
- FUNABEM (1985)	—	7	Abandonados
- M.N.M.M.R (O Grito, 1988)	—	12 e 8	Abandonados cidades/campos
- Sonia Carvala (M.N.M.M.R. 1991)	—	7	De rua
- Americas Watch (1994)	—	10 mil a 7	De rua e na rua
- Folha de S. Paulo (apud Americas Watch, 1994)	—	7,5	De rua

Fonte: Rosemberg (1994. p.138).

Durante os anos 80 circularam estimativas desconstruídas e inflacionadas sobre o número de crianças e adolescentes que sobrevivem nas ruas das metrópoles do Terceiro Mundo (Rosemberg, 1994). Produzidas, na maioria das vezes, com objetivo de denunciar a pobreza urbana subdesenvolvida, essas estimativas foram geralmente elaboradas a partir de raciocínios dedutivos que assumiam uma relação linear (ou quase) entre pobreza e sobrevivência na ou da rua. Os pressupostos básicos eram: que a família pobre gera inevitavelmente abandono, expulsão ou desligamento de seus filhos; que sua exclusão do acesso a bens e instituições sociais (em especial à escola) gera, também inexoravelmente, a busca de sobrevivência na rua. Com maior ou menor sofisticação na argumentação desenvolvida, o raciocínio que originava essas estimativas dedutivas seguia os seguintes passos: existem  $x$  crianças e adolescentes até 18 anos; destes  $x$ , tantos por cento são pobres; destes pobres, tantos por cento não frequentam a escola (e/ou não estão inseridos no mercado formal de trabalho), portanto existem tantas crianças/adolescentes vivendo na ou sobrevivendo da rua.

Com base em tais pressupostos, foram divulgadas diferentes estimativas sobre crianças de rua ou na rua do Terceiro Mundo, da América Latina, do Brasil (veja Quadro 1), girando em torno de milhões, que

orientaram políticas ou programas destinados a este subgrupo populacional e que, mediante sua ampla difusão pela mídia nacional e internacional, alimentaram o imaginário social sobre a pobreza: a família pobre não é continente para seus filhos, produzindo meninos de rua hoje, criminosos de amanhã; meninas de rua, prostitutas hoje, e mães dos meninos de rua de amanhã (Rosemberg, 1994).

Como outros pesquisadores e militantes envolvidos com os direitos da infância e da adolescência, assumi, durante os anos 80, uma posição de crítica e de denúncia frente a tais estimativas por considerá-las: 1) estigmatizadoras da família pobre, quando um número crescente de textos, principalmente antropológicos, evidenciavam a centralidade da família real ou representada na constituição da identidade dos pobres brasileiros (ver o artigo de Cynthia Sarti à p. 46-53); 2) balizas equivocadas na elaboração de políticas sociais que orientavam "políticas para todos" à luz das necessidades específicas de um segmento populacional específico; 3) cerceadoras do conhecimento, pois se a pobreza por si só é geradora inevitável de meninos(as) de rua (passando ou não pela desorganização familiar), é inútil qualquer reflexão psicossocial sobre a natureza desse fenômeno.

Foi em tal cenário e com tais motivações que coordenei a pesquisa "Contagem de crianças e ado-

lescentes em situação de rua" realizada em outubro de 1993 pela Secretaria da Criança, da Família e do Bem-Estar Social do Estado de São Paulo.

Essa pesquisa veio se somar a outras tantas que foram realizadas no Brasil a partir de 1986, quando o IBASE (Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas) efetuou a primeira contagem noturna no Rio de Janeiro, introduzindo procedimentos inovadores. A novidade da pesquisa paulistana decorre tanto da extensão e densidade populacional da cidade — desafio, para uma contagem diurna, que não foi enfrentado no Rio de Janeiro —, quanto da maior atenção dada aos procedimentos de pesquisa, necessários pela complexidade da cidade e possíveis pelo fato de ter sido realizada no contexto de uma Secretaria de Estado, contando com um quadro profissional extenso e com experiência continuada no campo da educação em meio aberto.

A disponibilidade de uma bibliografia nacional (Vieira et al., 1992), de pesquisas norte-americanas sobre os desabrigados (Rossi et al., 1987), inclusive alguns textos produzidos pelo Bureau of Census dos EUA sobre o recenseamento dos *homeless* (desabrigados) realizado em 1990, permitiram que se aprimorassem procedimentos. Assim, simultaneamente à contagem noturna foi feito um levantamento de crianças/adolescentes albergados em diferentes instituições na cidade. Foi possível, também, complementar a ida a campo com várias pequenas investigações que auxiliaram na escolha de alternativas mais seguras (por exemplo, atribuição de idade, cor e frequência de crianças e adolescentes em feiras livres).

Este artigo relata a pesquisa, apresenta e discute seus principais resultados.

## REVENDO AS CONTAGENS

Foi possível localizar 15 pesquisas, que efetuaram contagens de crianças e adolescentes em situação de rua, em período diurno e/ou noturno, nas seguintes cidades brasileiras: Rio de Janeiro (1986 e 1992), Fortaleza (1987 e 1993), Salvador (1990 e 1993), São Luís do Maranhão (1991), Recife (1990 e 1993), Belo Horizonte (1990), Belém (1993), Porto Alegre (1993), Campinas (1993), Aracaju (1993) e Manaus (1993)<sup>1</sup>.

Dois procedimentos muito semelhantes têm sido adotados nessas pesquisas. O primeiro efetua a contagem através de observação simultânea, tipo *blitz*, em pequeno espaço de tempo. O segundo identifica crianças e adolescentes em situação de rua através de entrevista realizada por pesquisadores que permanecem no local por períodos de tempo mais longos.

Esses procedimentos, que são denominados pela literatura especializada de **estimativas diretas** (Breakey e Fisher, 1990. p.32), têm sido usados também nos EUA para estimar os desabrigados (Rossi et al., 1987) e foi base para a operação **s-night** — **s** para **street** (rua) e para **shelter** (abrigo) — realizada dez

dias antes do dia do censo de 1990 (United States Department of Commerce, 1991).

O procedimento mais freqüentemente usado nas pesquisas brasileiras é o do tipo de identificação através da observação e sem abordagem e que consiste, essencialmente, em dividir e delimitar o espaço urbano pesquisado, que é percorrido por várias equipes de contagem no mesmo horário segundo um roteiro predeterminado, contabilizando crianças e adolescentes "em situação de rua" identificados durante o trajeto. O efeito é o de uma fotografia simultânea das crianças e dos adolescentes que usam a rua (e outros logradouros públicos) como local para geração de renda e socialização em determinado dia do ano e em determinado horário (Pereira Júnior e Drska, 1992). A hipótese básica desse procedimento é que o espaço da rua não é ocupado de forma aleatória e que crianças e adolescentes em situação de rua tendem a se concentrar ou circular em áreas que oferecem geração de renda, abrigo e diversão.

Dessa forma, oferece-se a possibilidade de se conhecer o número de crianças e adolescentes em situação de rua, em determinado dia e horário para fins de planejamento de políticas públicas. Trata-se de uma estimativa, pois, além das limitações inerentes a qualquer pesquisa, o "estar em situação de rua" é uma condição temporária, e não definitiva, para muitas crianças e adolescentes, resultando de uma interação entre suas necessidades e o que o espaço público oferece para satisfazê-las.

A literatura latino-americana e brasileira relata outro procedimento de contagem em que pesquisadores, após identificarem pontos de concentração de crianças e adolescentes em situação de rua, aí permanecem por um período relativamente longo até serem capazes de identificar quem são esses freqüentadores, e, portanto, quantos são. Esse procedimento foi usado para o "censo" de crianças/adolescentes em situação de rua realizado no Distrito Federal do México (Departamento del Distrito Federal, 1992) e em Recife, este pela equipe da Casa de Passagem, para o "recenseamento" de meninas, adolescentes e jovens de sexo feminino (até 20 anos de idade) em situação de rua.

Algumas pesquisas (como as de Fortaleza e Salvador, por exemplo) contaram crianças e adolescentes em situação de rua durante o dia e durante a noite. A contagem noturna tem o objetivo de estimar os que pernoitam na rua, e que são mais comumente denominados de "meninos de rua". A contagem de Salvador de 1993 foi feita em quatro momentos do dia: de manhã, no meio do dia, ao final da tarde e de madrugada. Em cada um desses períodos encontrou-se um número diverso bem como se delinearam diferentes perfis de crianças e adolescentes em situação de

1 Além das contagens, alguns órgãos governamentais cadastraram crianças e adolescentes atendidos por programas em meio aberto (em Brasília, Curitiba, Goiânia, Vitória do Espírito Santo e São Paulo), que também ofereceram estimativas sobre a extensão dessa população.

rua, acompanhando as peculiaridades dos ritmos da cidade (Projeto Axé, 1993).

A pesquisa de Recife realizada por Mello em 1993 (contagem e recontagem) tem sido denominada em inglês de **capture and recapture**, procedimento considerado por Breakey e Fisher (1990) como produzindo estimativas mais verdadeiras. Existiriam estimativas mais ou menos verdadeiras numa pesquisa desse tipo? Parece-nos que as perguntas mais pertinentes seriam: qual o significado das estimativas a que se chegam e para que realizar pesquisas desse tipo?

O primeiro ponto a ser destacado é que os diferentes procedimentos divergem não pelo fato de as pessoas serem ou não abordadas e identificadas no processo de contagem, mas, principalmente, pelo recorte temporal que se privilegia. Apesar de todas serem pesquisas de tipo transversal — isto é, não acompanham o desenrolar do uso da rua na história de vida das pessoas para entender sua dinâmica —, os procedimentos se diferenciam pela extensão do período de tempo em que se observa o uso da rua. Ora, o tempo de permanência nas ruas para a observação de seu uso determina, em parte, o número a que se chega, pois, como se tem afirmado, o uso da rua para sobreviver não é um atributo da pessoa mas uma condição na qual algumas pessoas se encontram em alguns momentos da vida (Blasi, 1990). Nem todas as crianças e adolescentes usam o espaço da rua para sobrevivência todos os dias do ano ou todas as horas do dia, e sob a expressão “estar em situação de rua” se esconde uma grande variedade de situações.

Quando da divulgação da contagem noturna do Rio de Janeiro (FASE/IBASE/IDAC/ISER, 1992), a imprensa publicou uma série de matérias e declarações contestando os números estimados com base no argumento de que se conheceria um número maior de crianças/adolescentes que pernoitavam em determinado lugar do que aquele referido pela pesquisa<sup>2</sup>. Ora, a pesquisa carioca não pretendeu estimar o número de crianças/adolescentes que pernoitam todas as noites ou que já pernoitaram nas ruas do Rio de Janeiro, mas quantas pernoitam em uma noite típica, visando avaliar a disponibilidade de vagas necessárias para seu abrigo. Do mesmo modo, o relatório da contagem de Salvador de 1993 afirma: “Estas mais de 15.000 crianças e adolescentes (...) não estão todos os dias e todos os turnos na rua [foram contados em quatro turnos diários durante quatro dias da semana]. A experiência dos educadores de rua do Axé sinalizava e a prática confirmou que a presença e permanência na rua obedeceu a determinados padrões de comportamento, a fluxos por dia e turno que variam, conforme a área analisada e também conforme o sexo” (Projeto Axé, 1993. p.22).

Deve-se, pois, ter muita cautela com o significado das estimativas e de números divulgados: a contagem que foi feita informa, tão-somente, sobre o número de crianças e adolescentes que usavam as ruas de São Paulo em um dia típico do mês de outubro de 1993,

visando o replanejamento de programas destinados a essa população.

A grande diversidade das estimativas indiretas que circularam durante os anos 80, no Brasil e no mundo, sobre crianças e adolescentes em situação de rua — como também sobre os desabrigados nos EUA — tem sido justificada na literatura de natureza mais acadêmica por duas razões principais: pela complexidade e falta de unanimidade na conceituação desse grupo populacional; pela inadequação, para estimativa dessa população, dos procedimentos habitualmente usados pelos organismos censitários que elegem o domicílio como local de investigação. Explicitar a conceituação de crianças de rua e os procedimentos adotados para estimar o seu número na rua é o objeto dos dois itens que se seguem.

## COMO CONCEITUAR CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE RUA

Circularam várias expressões para caracterizar esse grupo de crianças e adolescentes: crianças ou menores “carentes” e/ou “abandonados”, expressão consagrada pela CPI do menor de 1975; “menino de rua”, no início dos anos 80, principalmente após o Ano Internacional da Criança, e que se impôs na mídia. Estas expressões não eram neutras, pois associavam, na compreensão do fenômeno, determinações de ordem econômica e de natureza familiar: menores abandonados ou meninos de rua eram considerados como crianças/adolescentes pobres que viviam nas ruas porque perderam o vínculo com os pais e residiam fora do domicílio familiar.

A conceituação de meninos de rua como sendo abandonados, em ruptura de vínculo familiar, foi fraturada pela observação direta do modo de vida dessas crianças/adolescentes, através de pesquisas ou de programas sociais que se desenvolveram principalmente durante primeira metade dos anos 80: desde muito cedo (no Brasil, desde as pesquisas de Rosa Fisher e Zaluza Gonçalves de 1979) observou-se que um número significativo de crianças/adolescentes vistos nas ruas mantinham vínculos com os pais e voltavam periodicamente (muitos, diariamente) ao domicílio familiar (veja-se, por exemplo, Rizzini, 1986). Da fratura resultaram, então, duas conceituações: crianças/adolescentes **de** rua, para quem a rua é o domicílio, o local fundamental de socialização; crianças/adolescentes **na** rua, para quem a rua constitui apenas o local para geração de renda, mantendo vínculo familiar e retornando sistematicamente ao domicílio.

Apesar do avanço incontestável dessa nova conceituação (na medida em que reconhece uma heterogeneidade na população infanto-juvenil que usa as ruas), ela pode ser considerada insuficiente: primeiro,

2 O mesmo relata Rossi e colaboradores para a primeira contagem de Chicago (Rossi et al., 1987) e o mesmo aconteceu quando da divulgação da contagem paulistana.

porque estar na rua é interpretado simultaneamente como "não ter casa e não ter família" (mais uma vez a assimilação de família e domicílio); segundo, porque ser criança/adolescente de rua ou na rua é considerado como atributo da pessoa, assumindo uma perspectiva atemporal.

Ora, o conhecimento empírico que foi se desenvolvendo durante os anos 80 sobre essa população tem evidenciado exatamente a dimensão temporal e a diversidade de condições familiar e domiciliar de crianças e adolescentes que usam o espaço da rua para além da circulação. Assim, tem sido possível identificar uma variedade de combinações entre vínculo familiar, domicílio e trabalho: crianças/adolescentes que vivem com a família nas ruas (moradores de rua); aqueles que acompanham os pais que geram renda na rua, participando ou não da geração de renda familiar e que residem em domicílio; ou os que mantêm vínculo familiar e que geram renda na rua próxima a seu domicílio de forma esporádica (trabalho eventual na feira, por exemplo); crianças/adolescentes que mantêm vínculo familiar e que trabalham na rua de forma regular e contínua; ou os que vivem com a família em domicílio, vão à escola e, esporadicamente (ao final de semana, por exemplo distribuidores de panfletos nos sinais), trabalham na rua; os que mantêm vínculo familiar, trabalham na rua e esporadicamente aí dormem; os que, durante um curto período da infância e/ou da adolescência, vivem na rua; os que permanecem na rua a maior parte de sua vida de criança e adolescente.

Diante dessa diversidade e das ponderações acima, a conceituação empregada nesta pesquisa foi a de crianças e adolescentes encontrados como estando "em situação de rua" na cidade de São Paulo, designando aqueles que encontram na rua "o espaço principal ou secundário do cotidiano na garantia da subsistência e do lazer ou de ambos simultaneamente" (São Paulo, 1992. p.19).

Esta conceituação necessita dois esclarecimentos: 1) considera, como outras pesquisas evidenciaram, que o estar na rua não é um atributo da pessoa, mas uma resposta circunstancial de certas crianças e adolescentes pobres a pressões da vida familiar (relacionamento humano e situação econômica), a condições do domicílio, a dinâmicas da instituição escolar, do mercado de trabalho e da própria rua; 2) que esta população usa a rua para além da circulação, executando atividades que "não se desejariam que aí fossem realizadas".

Apesar dessa conceituação oferecer caminhos satisfatórios (ela é essencialmente descritiva, não efetuando suposições sobre as determinações individuais ou grupais do estar em situação de rua), a constituição de uma definição operacional que permitisse identificar, para fins de contagem, crianças e adolescentes em situação de rua não é simples. A contagem efetuada sem abordagem baseou-se em indicadores visuais, informando que aquela pessoa podia ser identificada como uma criança ou um adolescente (isto é, dentro da faixa etária prevista) e estar em situação

de rua naquele momento (usar a rua como espaço de sobrevivência e lazer).

Por se tratar de uma configuração totalizante, a ser apreendida mediante uma percepção instantânea, a sua operacionalização nunca é satisfatória, abrindo brechas para exceções, questionamentos e subjetividade. Por isso, a definição operacional foi usada como guia para observadores que têm experiência de trabalho com crianças e adolescentes em situação de rua (educadores e técnicos da Secretaria) e que passaram por treinamento prévio para reduzir a diversidade de apreensões individuais.

A identificação de crianças e adolescentes em situação de rua, para fins desta pesquisa, é a resultante de uma configuração que integra três dimensões: a aparência da criança/adolescente, o espaço em que se encontra e a atividade que está exercendo.

**Aparência.** No mais das vezes, sua aparência é pobre no plano da vestimenta e da higiene, em especial em crianças menores. Há possibilidade, porém, de que crianças, mas principalmente adolescentes, fujam ao padrão de aparência pobre tanto no vestuário quanto no calçado. Crianças, mas principalmente adolescentes, com aparência de classe média (muitas vezes uniformizados e/ou com crachá), que distribuem folhetos/panfletos publicitários nos faróis **foram contados** como crianças/adolescentes em situação de rua e classificados em categoria especial.

**Rua.** No contexto da contagem, considerou-se "rua" toda via ou logradouro público externo<sup>3</sup>. Não se entrou em espaços internos para contar, fossem terrenos baldios, casas abandonadas etc., locais conhecidos como "mocós". Essa decisão, adotada e explicitada em algumas das pesquisas brasileiras (contagens de Aracaju e de Salvador), bem como na realizada para a contagem de desabrigados pelo Bureau of Census norte-americano, visa à proteção do pesquisador, da criança e do adolescente em situação de rua.

Foram identificados como estando em situação de rua crianças/adolescentes que usam tais espaços como local principal ou secundário para trabalhar, esmolhar, perambular e brincar, ou seja, para atividades outras que a circulação.

Nesta perspectiva, crianças/adolescentes circulando ou brincando próximos a suas casas não foram caracterizados como criança/adolescente em situação de rua. Atentou-se, especialmente para crianças/adolescentes andando ou brincando em regiões próximas a cortiços, favelas, conjuntos habitacionais, que **não** foram caracterizadas como crianças/adolescentes em situação de rua se não estivessem trabalhando ou es-

3 Ruas, avenidas, praças, largos, parques, terrenos baldios, aterros sanitários, estacionamentos, portas/entradas de universidades, escolas, casas comerciais, igrejas, supermercados, sacolões, *shoppings*, lanchonetes, restaurantes, cinemas, teatros, boates, fliperamas, danceterias, estádios, feiras, calçadões, viadutos, pontes, passarelas, estações de metrô e trem, terminais de rodoviárias e linhas de trem metropolitano.

molando. Porém, crianças e adolescentes encontrados nos espaços externos de "moradias de rua" (baracos, tendas etc.) foram classificados como estando em situação de rua.

**Atividade.** A atividade desenvolvida é fundamental para identificar criança e adolescente em situação de rua. As atividades previstas foram: trabalhando, esmolando, perambulando, brincando, dormindo. As atividades "estar trabalhando", "estar esmolando" e "estar dormindo" nas ruas são as que colocam menos problema para a identificação de crianças e adolescentes em situação de rua.

Quanto à categoria trabalho, não foram incluídas aquelas atividades que implicam apenas circulação pela rua (*office boy*, entregador de lanches, carro de supermercado).

Muitos adolescentes circulam pela cidade, seja por razões de trabalho, de estudo ou de lazer: mensageiros, estudantes nas saídas de colégio, na ida a cinema, *shoppings*, bailes etc. Essas atividades, em si, não são suficientes para caracterizar crianças e adolescentes em situação de rua. Para ser identificada como tal é necessário que a pessoa também tenha aparência de criança/adolescente em situação de rua.

Entraram na categoria **perambulando** crianças e adolescentes com aparência de estarem/viverem em situação de rua e que, sozinhos ou em grupos, estivessem circulando, parados sem fazer nada, ou no intervalo de atividades.

A atividade "brincar na rua", por si só, não define a condição de criança/adolescente em situação de rua, mas deve estar associada à aparência física, à distância do local de moradia, e a uma certa "inadequação" do espaço como contexto do brincar. Crianças/adolescentes com aparência pobre e brincando em ruas ou praças próximas a cortiços, favelas e conjuntos habitacionais não foram considerados como estando/vivendo em situação de rua.

## PROCEDIMENTOS DE CONTAGEM

Os procedimentos usados nesta pesquisa foram inspirados em metodologia desenvolvida no Brasil pelo IBASE.

A estratégia para contagem, aparentemente simples, esconde uma multiplicidade de detalhes e cuidados para que não se superestime ou subestime o número de crianças e adolescentes que usam as ruas da cidade como espaço principal de socialização. De um modo geral ela prevê cinco passos: 1) efetua-se o levantamento de pontos de circulação e permanência e de crianças e adolescentes em situação de rua junto a informantes privilegiados; 2) divide-se a cidade em setores que contenham pontos de concentração e circulação de crianças e adolescentes em situação de rua; 3) esses setores são descritos por roteiros que permitam efetuar seu percurso em período de tempo relativamente curto, procurando-se controlar o efeito da mobilidade espacial, evitando-se, assim, a

recontagem de crianças e adolescentes; 4) equipes treinadas saem a campo, simultaneamente, percorrendo o trajeto estipulado, de carro e a pé, e iniciam a identificação e contagem das crianças e dos adolescentes, procurando-se evitar a recontagem; 5) os dados observados são inscritos em planilha de registro que prevê um número reduzido de variáveis: geralmente sexo e atividade, por vezes idade e raça.

A aparente simplicidade dos passos envolve um intenso planejamento relativo a: decisões quanto ao tempo e ao espaço; controle de consistência dos procedimentos; treinamento das equipes; projeto de segurança para a contagem noturna.

**O tempo e o espaço.** A ida a campo (geralmente breve, durando não mais que três horas para cada turno) é precedida de intenso planejamento que envolve decisões relativas ao tempo e espaço da contagem e treinamento dos pesquisadores (e de seus acompanhantes, isto é, motoristas e segurança) sobre procedimentos da pesquisa, em especial a assimilação da definição operacional de criança/adolescente em situação de rua e o uso dos instrumentos para registro das observações.

A dimensão **tempo** envolve decisões quanto ao horário, ao dia da semana e à duração da contagem. O uso das ruas por crianças/adolescentes não é anárquico, podendo-se observar um fluxo temporal<sup>4</sup>.

Na pesquisa de São Paulo, a escolha do dia da semana e do horário foi orientada no sentido de obter-se um flagrante da rua em momento de pico do seu uso por crianças e adolescentes. A decisão recaiu para o horário das 16 às 19 horas quinta-feira na contagem diurna e das 2 às 5 horas da manhã numa sexta-feira, para a contagem noturna, decisão orientada pela experiência de trabalho dos educadores da Secretaria<sup>5</sup>.

A dimensão **espaço** envolve o levantamento dos pontos de concentração e circulação de crianças/adolescentes em situação de rua, a divisão da cidade em setores que organizem tais pontos, o estabelecimento de trajetos a serem percorridos pelas equipes de pesquisa e a projeção desses trajetos em mapas. Trabalho longo, exaustivo, que envolve a participação de vários profissionais, de início "informantes privilegiados" para o levantamento de pontos. Na pesquisa de São Paulo, recorreu-se ao trabalho de educadores atuando em programas de meio aberto da Secretaria (situados em 9 áreas diferentes da cidade); às Polícias Civil e Militar (inclusive Polícia Feminina) e às denúncias recebidas pelo programa SOS. Além disso recorreu-se a estratégia complementar aplicando-se questionário junto a: funcionários da Secretaria trabalhando nas sedes em área central da cidade; funcionários e/ou estudantes universitários em sete diferen-

4 Dentre as pesquisas brasileiras, a realizada em Salvador em 1993 é que mais se detém na análise desse fluxo (Projeto Axé, 1993. p.21 a 37).

5 A contagem diurna na sexta-feira foi descontada pelo intenso tráfego nesse horário e nesse dia da semana, o que impediria percorrer o trajeto previsto nas três horas estipuladas.

Quadro 2

**FONTES DE INFORMAÇÃO E NÚMERO DE PONTOS FORNECIDOS PARA A CONSTITUIÇÃO DOS ROTEIROS**

FONTES	NÚMERO DE PONTOS
Funcionários da Secretaria	811
Polícia Civil	225
Polícia Militar (masculina)	92
Polícia Militar (feminina)	170
Alunos da PUC	98

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

tes instituições situadas nas quatro grandes zonas da cidade (norte, sul, leste e oeste). O Quadro 2 reproduz os números de pontos fornecidos pelos diferentes informantes.

Depois de intenso trabalho de pré-roteirização, a cidade foi dividida em 39 setores para a contagem diurna (incluindo três roteiros percorrendo as linhas de trem metropolitano) e 19 setores para a contagem noturna, cada setor sendo descrito por um roteiro minucioso (veja no Quadro 3 uma síntese dos pontos percorridos).

Quadro 3

**INFORMAÇÕES QUANTITATIVAS SOBRE OS ROTEIROS NOTURNO E DIURNO**

LOGRADOURO	NOTURNO	DIURNO
Ruas	828	351
Avenidas	339	147
Parques	13	7
Jardins/Praças	196	91
Pontes	17	11
Viadutos	50	32
Terminais Rodoviários	21	7
Estações de Trem	48	37
Estações de Metrô	38	22
Estacionamentos	59	17
Trechos a pé	171	50
Linhas de Trem	3	3
Quilômetros* percorridos de automóvel	1.530	788

\* Os quilômetros percorridos referem-se exclusivamente aos internos a cada setor, tendo sido excluída a distância entre o ponto de partida na rua Bela Cintra e o ponto inicial do percurso do trajeto.

Os roteiros foram entregues a motoristas e educadores que efetuaram um treinamento anterior à contagem.

Nenhuma das pesquisas brasileiras, aparentemente, efetuou um controle da consistência dos dados coletados. A única aproximação de uma análise de

consistência das estimativas ocorreu na pesquisa do Rio de Janeiro (FASE/IBASE/IDAC/ISER, 1992) que realizou duas contagens noturnas em horários próximos na mesma noite (às 23 e 4hs), porém, na dinâmica da noite de um grande centro urbano, defasados o bastante para detectar grupos distintos de pessoas (o das 23hs registrou 1099 crianças/adolescentes e o das 4hs 692). A pesquisa coordenada por Almeri Mello (1993) em Recife encontrou aproximadamente o mesmo número de crianças e adolescentes nas três contagens noturnas em dias alternados apesar de se tratarem de pessoas diferentes.

O Bureau of Census norte-americano efetuou uma complexa análise de consistência, colocando observadores para avaliar o registro efetuado pelos agentes do censo.

Não disporíamos de equipes em número suficiente para efetuar uma verificação da consistência dos observadores. Desenvolvemos, porém, três estratégias para auxiliar no dimensionamento de possíveis distorções: realizar um pré-teste uma semana antes do dia da contagem em cinco setores densamente ocupados por crianças/adolescentes em situação de rua; efetuar uma sondagem sobre atribuição de idade a adolescentes e jovens adultos junto a educadores e motoristas; efetuar a recontagem de um dos setores por uma outra equipe 15 minutos após o início da contagem oficial, recontagem esta preparada e executada em sigilo para evitar possível influência na observação da equipe principal. A análise dos resultados obtidos por meio dessas estratégias evidenciou uma boa consistência dos procedimentos, a saber:

1) Boa proximidade entre os resultados do pré-teste e da contagem final em quatro dos setores diurnos pesquisados<sup>6</sup>; no pré-teste foram contabilizados 567 crianças e adolescentes e na contagem final, 667.

Essa comparação ofereceu uma estimativa da variação do uso da rua (no dia do pré-teste havia uma concentração de professores em greve na praça da República, zona central da cidade, modificando o trânsito, e, no início da contagem, ocorreu uma pancada de chuva) e uma certa segurança quanto aos procedimentos de observação adotados.

2) As duas equipes que percorreram o mesmo setor com 15 minutos de intervalo identificaram o mesmo número de crianças e adolescentes (apesar de não serem as mesmas crianças).

3) A avaliação de idade de jovens fotografados (20 rapazes e 12 moças) entre 17 e 22 anos efetuada por 34 educadores e 34 motoristas evidenciou extrema dispersão nos resultados: se apenas 53,1% dos adolescentes/jovens fotografados tinham 17 anos (a menor idade entre os fotografados), 76,6% das atribuições de idade efetuadas por motoristas e 71,3%

6 Tivemos que eliminar das comparações um dos setores diurno (setor 6: Jardins) que necessitou ser desmembrado em dois, dada a extensão do tempo necessário a seu percurso. A comparação entre as contagens noturnas ficou prejudicada porque decidimos, com base no pré-teste, alterar o horário de início.

por educadores se situaram nessa faixa etária ou em idades inferiores.

Tal dispersão não apenas reforçou a idéia de que a idade pode constituir uma fonte de erro na classificação de adolescentes em situação de rua (superestimativa da contagem), como reforçam também nossa opção por não incluir a classificação em faixas etárias na planilha. Com efeito, nesta pesquisa decidimos, depois de ponderações e discussões, centrar a atenção e o esforço essencialmente na enumeração de crianças e adolescentes encontrados em situação de rua, na identificação de seu sexo, e na descrição das atividades que estivessem desenvolvendo. Eliminamos outras variáveis que permitiriam uma investigação mais complexa de seu perfil, por razões operacionais, metodológicas e éticas.

A equipe técnica responsável pela pesquisa teve sempre consciência da complexidade de realizar uma contagem diurna em São Paulo, dada sua extensão, densidade populacional e circulação intensa. Nesse contexto ecológico, procuramos canalizar os esforços para o objetivo principal deste trabalho: estimar, com o maior cuidado possível, o número de crianças e adolescentes em situação de rua encontrados em período vespertino e noturno na cidade de São Paulo. Consideramos que introduzir variáveis a mais na planilha aumentaria, em muito, a complexidade da tarefa com prejuízo da qualidade da observação.

Além disso, questionamos a validade de o educador julgar a idade ou o pertencimento racial da criança e do adolescente mediante suas impressões pessoais. Com certeza, se pudéssemos dispor da informação sobre idade com um mínimo de segurança quanto à uniformidade de sua coleta, estaríamos diante de dados preciosos. Mas os indicadores de que dispomos informam sobre a grande variação individual na atribuição de idade a uma pessoa. Estamos diante de dados que refletem impressões subjetivas do observador e que poderiam ser interpretados como atributos do sujeito em observação — interpretação, sem dúvida, inadequada.

Além disso, no tocante ao pertencimento racial, estaríamos infringindo preceito ético, impondo uma classificação racial a um outro, desconsiderando sua própria identidade racial<sup>7</sup>. Neste sentido, optamos por elaborar um questionário aos educadores, para ser respondido quando de sua volta do campo, sobre as **impressões** que tiveram sobre características da população e sobre as condições da pesquisa. Ou seja, preferimos tratar impressões tão-somente como impressões.

Razões de mesma natureza nos conduziram a reduzir o número de categorias de atividades previstas para descrever as crianças e os adolescentes em situação de rua. Foram previstas categorias que deixam pequena margem à imprecisão.

As categorias relativas às variáveis selecionadas (atividade e sexo), bem como informações gerais sobre o percurso, foram diagramadas em uma planilha (instrumento de registro dos dados observados). A formatação e a diagramação da planilha foram orienta-

das para facilitar o registro mesmo quando realizado em percurso a pé, seqüenciando as atividades na provável ordem de freqüência (de acordo com resultados das pesquisas realizadas em outras cidades) e/ou para facilitar a memorização.

**Treinamento e segurança.** As equipes de pesquisa foram constituídas cada uma por dois educadores e/ou técnicos mais um motorista, todos trabalhando na Secretaria. Algumas equipes foram integradas, também, por observadores representando outras instituições que acompanharam todas as fases de elaboração e execução desse projeto e por jornalistas. Durante a noite, uma equipe de segurança (dois investigadores da Polícia Civil) acompanhou o trajeto.

Todos os componentes dessas equipes passaram por, pelo menos, um treinamento que foi bem mais intenso para os pesquisadores e motoristas da Secretaria, responsáveis diretos pelo sucesso do trabalho.

A ida a campo foi adiada por duas vezes em decorrência de chuva e passeata de professores. A contagem noturna foi realizada no dia 1º de outubro e a diurna no dia 7 de outubro de 1993.

## RESULTADOS DA PESQUISA

As informações coletadas e registradas pelos educadores ultrapassam em muito a mera enunciação de quantas crianças/adolescentes foram encontradas em situação de rua durante as três horas vespertinas e as três horas noturnas de contagem. Elas permitem traçar o esboço de um perfil sobre a população infanto-juvenil pobre que sobrevive nas ruas da cidade.

**Quantas são e onde se localizam.** Foram contadas 4.520 crianças/adolescentes em situação de rua durante o dia e 895 durante a noite, além das 468 em algum tipo de albergue (Tabela 1).

Duas constatações iniciais a partir desses primeiros dados: o número de crianças/adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo é significativamente inferior às estimativas que circularam durante os anos 80; é reduzido o número de crianças/adolescentes atendidos por programas, em especial os que oferecem albergue durante a noite. Uma observação importante: apesar de ser reduzida a capacidade em albergues noturnos para crianças/adolescentes e famílias na cidade de São Paulo, pois o número de vagas é inferior ao de crianças/adolescentes que pernoitam nas ruas, observou-se um uso inferior à disponibilidade (Quadros 4 e 5).

7 A ONU e o IBGE recomendam que a classificação racial seja auto-atribuída pelo sujeito. A contagem realizada pelo Bureau of Census norte-americano classificou, mediante observação, a raça dos desabrigados. A última contagem de Salvador (Projeto AXÉ - Terra Nova, 1993) classificou, também, mediante impressão do observador a idade de crianças e adolescentes.

Tabela 1

**DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES EM  
SITUAÇÃO DE RUA POR SEXO, SEGUNDO A PRESENÇA EM  
ALBERGUE\* E O PERÍODO DO DIA  
CIDADE DE SÃO PAULO, 1993**

SEXO	DIURNO		NOTURNO				TOTAL	
	NA RUA		NA RUA		EM ALBERGUE			
	N	%	N	%	N	%	N	%
Masculino	3647	80,7	625	60,4	283	69,3	908	66,6
Feminino	794	16,7	162	18,1	185	39,5	347	25,5
Não identif.	79	1,7	108	12,1	—	—	108	7,9
<b>TOTAL</b>	<b>4520</b>	<b>100</b>	<b>895</b>	<b>65,7</b>	<b>468</b>	<b>34,3</b>	<b>1363</b>	<b>100</b>

\* Públicos e privados.

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

Quadro 4

**CRIANÇAS/ADOLESCENTES ABRIGADOS/ALBERGADOS EM INSTITUIÇÕES  
NO DIA E NA HORA DA REALIZAÇÃO DA CONTAGEM NOTURNA  
CIDADE DE SÃO PAULO, 1993**

UNIDADES DE ATENDIMENTO SOCIOEDUCATIVO EM MEIO ABERTO QUE ATENDEM CRIANÇAS/ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA (NOTURNO)	FAIXA ETÁRIA	SEXO	CAPACIDADE	OCUPAÇÃO EM 01/10/93		
				M	F	T
Projetos Crianças de Rua	07 a 17	Ambos	100	41	22	63
Casa da Criança Renascer	07 a 17	Ambos	33	18	06	24
Projeto Vida/Casa Nova (Pref. Municipal e Pastoral)	07 a 17	Ambos	100	60	50	110
Centro de Convivência S. Amaro (Pref. Municipal e Cáritas)	07 a 17	Ambos	30	17	10	27
Casa Serena (Mantida pela Comunidade)	07 a 17	Ambos	70	18	—	18
<b>TOTAL</b>			<b>433</b>	<b>154</b>	<b>88</b>	<b>242</b>

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

Quadro 5

**CRIANÇAS/ADOLESCENTES QUE SE ENCONTRAVAM  
NO SOS, DIA 01/10 NO PERÍODO DAS 2:00 ÀS 5:00  
HORAS**

SETORES	M	F	T
Setor de Carentes	37	26	63
Setor de Denúncias	3	1	4
Setor de Infratores	8	5	13
<b>TOTAL</b>	<b>48</b>	<b>32</b>	<b>80</b>

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

A interpretação desse número de vagas ociosas deve articular diferentes aspectos: sua localização nem sempre é próxima aos locais de pernoite; os objetivos e regulamentos são muitas vezes incompatíveis com usos e costumes de parte da clientela; em muitos deles, a própria inadequação do local (limpeza, disponibilidade de sanitários) dificulta seu uso, além de determinações específicas das próprias crianças/adolescentes (por exemplo, hostilidades e desafetos entre subgrupos).

A análise da distribuição pela cidade (Tabela 2) evidencia que os setores onde há maior número de crianças/adolescentes em situação de rua não são os centrais — os mais freqüentemente ilustrados pela mídia — mas duas regiões localizadas em bairros relativamente periféricos, regiões onde é possível gerar renda mais próxima do local de moradia: o CEAGESP (Central de Abastecimento de São Paulo) que oferece alimentação e uma multiplicidade de trabalhos informais, e o setor Itaim Paulista-São Miguel Paulista, região densamente povoada, com circulação intensa de pessoas principalmente nos terminais de ônibus, abrigo, em suas redondezas, muitos ambulantes.

**Quem são.** Como em todas as outras capitais brasileiras, em São Paulo também, tanto no período diurno quanto noturno, foram encontrados principalmente crianças e adolescentes de sexo masculino: 80,7% meninos e rapazes durante o dia e 69,8% durante a noite (Tabela 1). Calculando-se a taxa de masculinidade para se controlar o número de crianças/adolescentes para quem foi impossível a classificação sexual (bebês e indeterminação decorrente de observação noturna), chega-se aos seguintes dados: 1 pessoa de sexo feminino para 4,6 do sexo masculino em período diurno; 1 para 3,8 em período noturno.

Tabela 2

**CRIANÇAS/ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA POR SEXO,  
SEGUNDO SETORES  
CIDADE SÃO PAULO, 1993**

SETOR	DIURNO								
	NÚMERO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES								
	TOTAL		SEXO				Ñ IDENTIF.		DISTÂNCIA PERCORRIDA (KM)
	N	%	M		F		N	%	
		N	%	N	%				
001 - Vila Maria - V. Guilherme - V. Sabrina	57	1,26	49	85,96	7	12,28	1	1,75	59
002 - Santana	71	1,57	52	73,24	14	19,72	5	7,04	19
003 - Tucuruvi - Tremembé	146	3,23	105	71,92	41	28,08	0	0,00	45
004 - C. Verde - Limão - Freg. do Ó - Brasil - V. N. Cachoeirinha	145	3,21	124	85,52	21	14,48	0	0,00	81
005 - Pirituba - Jaraguá - Perus	63	1,39	55	87,30	8	12,70	0	0,00	41
007 - Lapa	165	3,65	141	85,45	24	14,55	0	0,00	39
008 - V. Buarque - Perdizes - Barra Funda	93	2,06	62	66,67	31	33,33	0	0,00	59
009 - Pinheiros - Vila Madalena	90	1,99	71	78,89	11	12,22	8	8,89	46
010 - Cidade Universitária - Jaguaré	81	1,79	72	88,89	9	11,11	0	0,00	57
011 - Morumbi - Campo Limpo	125	2,77	109	87,20	14	11,20	2	1,60	69
012 - Cerqueira César	111	2,46	90	81,08	20	18,02	1	0,90	33
013 - Ibirapuera - Congonhas - Indianópolis	139	3,08	120	86,33	18	12,95	1	0,72	55
014 - Santo Amaro	92	2,04	70	76,09	22	23,91	0	0,00	38
015 - Capela do Socorro - Parelheiros - Cidade Dutra	61	1,35	50	81,97	11	18,03	0	0,00	101
016 - Autódromo - Grajaú - Cidade Ademar	114	2,52	103	90,35	11	9,65	0	0,00	32
017 - Jabaquara - Pq. do Estado - São Judas - Cursino	73	1,62	63	86,30	7	9,59	3	4,11	20
018 - Vila Clementino - Saúde	86	1,90	61	70,93	22	25,58	3	3,49	25
019 - Ipiranga - Sacomã	65	1,44	56	86,15	9	13,85	0	0,00	42
020 - Vila Prudente - Sapopemba - São Mateus	65	1,44	45	69,23	20	30,77	0	0,00	25
021 - Itaquera - Guaianases	49	1,08	43	87,76	6	12,24	0	0,00	28
022 - Itaim Paulista - São Miguel Paulista	375	8,30	324	86,40	51	13,60	0	0,00	46
023 - Ermel. Matarazzo - Cangaíba - Penha - V. Matilde	103	2,28	93	90,29	9	8,74	1	0,97	58
024 - Tatuapé - Vila Formosa - Vila Carrão	98	2,17	84	85,71	14	14,29	0	0,00	38
025 - Belenzinho - Brás	182	4,03	149	81,87	32	17,58	1	0,55	26
026 - Pari - Pq. Dom Pedro II	116	2,57	101	87,07	13	11,21	2	1,72	20
027 - Liberdade - Cambuci - Aclimação	161	3,56	109	67,70	37	22,98	15	9,32	40
029 - Sé	171	3,78	122	71,35	49	28,65	0	0,00	9
030 - Bom Retiro - Santa Ifigênia	101	2,23	65	64,36	29	28,71	7	6,93	28
031 - República	229	5,07	147	64,19	75	32,75	7	3,06	18
032 - Moóca - Alto da Moóca	64	1,42	54	84,38	7	10,94	3	4,69	29
033 - Vila Mariana	60	1,33	34	56,67	26	43,33	0	0,00	23
034 - CEAGESP	436	9,65	379	86,93	54	12,39	3	0,69	16
035 - Trem I - Brás	78	1,73	73	93,59	5	6,41	0	0,00	32
036 - Trem II - Linha Sul	60	1,33	56	93,33	4	6,67	0	0,00	64
037 - Trem III - Paranapiacaba	126	2,79	118	93,65	7	5,56	1	0,79	72
06A - Jardim Paulista	92	2,04	60	65,22	29	31,52	3	3,26	24
06B - Jardim Paulista - Itaim	17	0,38	16	94,12	1	5,88	0	0,00	31
28A - Consolação - Roosevelt	117	2,59	95	81,20	14	11,97	8	6,84	20
28B - Bela Vista	43	0,95	27	62,79	12	27,91	4	9,30	22
<b>TOTAL</b>	<b>4.520</b>	<b>100,00</b>	<b>3.647</b>	<b>80,69</b>	<b>794</b>	<b>17,57</b>	<b>79</b>	<b>1,75</b>	<b>1.530</b>

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

Tabela 2A

**CRIANÇAS/ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA POR SEXO,  
SEGUNDO SETORES  
CIDADE SÃO PAULO, 1993**

SETOR	DIURNO								
	NÚMERO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES								
	TOTAL		SEXO						DISTÂNCIA PERCORRIDA (KM)
	N	%	M		F		Ñ IDENTIF.		
		N	%	N	%	N	%		
001 - Vila Maria - V. Guilherme - Tucuruvi - Tremembé - Santana	18	2,01	13	72,22	3	16,67	2	11,11	35
002 - C. Verde - Limão - Freg. do Ó - Brasil - Pirituba - Perus	18	2,01	12	66,67	1	5,56	5	27,78	67
003 - Lapa - V. Buarque - Perdizes - Barra Funda	14	1,56	11	78,57	2	14,29	1	7,14	40
004 - CEAGESP e entorno	150	16,76	128	85,33	4	2,67	18	12,00	28
005 - Pinheiros - Cid. Univ. - Campo Limpo - Jaguaré	33	3,69	18	54,55	15	45,45	0	0,00	56
006 - Cerqueira César	34	3,80	23	67,65	8	23,53	3	8,82	19
007 - Santo Amaro - Capela do Socorro - Autódromo	23	2,57	19	82,61	4	17,39	0	0,00	60
008 - Jabaquara - V. Clementino - Cid. Ademar - Saúde	18	2,01	12	66,67	3	16,67	3	16,67	16
009 - V. Prudente - Sapopemba - Itaim	5	0,56	5	0,56	0	0,00	0	0,00	68
010 - Jardins - Moema	43	4,80	32	74,42	11	25,58	0	0,00	42
011 - Belenzinho - Brás - Moóca - Tatuapé	34	3,80	23	67,65	6	17,65	5	14,71	41
012 - Liberdade - Cambuci - Aclimação - V. Mariana - Ipiranga	42	4,69	26	61,90	9	21,43	7	16,67	29
013 - Sé	80	8,94	65	81,25	11	13,75	4	5,00	11
014 - República	179	20,00	114	63,69	21	11,73	44	24,58	20
015 - Santa Ifigênia - Pq. Dom Pedro II	114	12,74	61	53,51	37	32,46	16	14,04	50
016 - Roosevelt - Consolação - Bela Vista	56	6,26	32	57,14	24	42,86	0	0,00	34
017 - Trem CPTM	14	1,56	12	85,71	2	14,29	0	0,00	64
018 - Trem CBTU - Brás - Mogi das Cruzes	7	0,78	6	85,71	1	14,29	0	0,00	76
019 - Trem CBTU - Brás - Luz - Jundiá - Paranapiacaba	13	1,45	13	72,22	0	0,00	0	0,00	32
<b>TOTAL</b>	<b>895</b>	<b>100,00</b>	<b>625</b>	<b>69,83</b>	<b>162</b>	<b>18,10</b>	<b>108</b>	<b>12,07</b>	<b>788</b>

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

no. A frequência de crianças/adolescentes/mulheres, porém, aumenta nos albergues, assim mesmo não ultrapassando, aí, a de homens (Tabela 1, Quadros 4 e 5).

A distribuição dos sexos pelos diferentes setores não ocorre de forma homogênea, sendo difícil encontrar-se uma única explicação válida para todas as situações. Alguns setores onde existem zonas de prostituição (como Bela Vista, por exemplo) apresentam um contingente mais alto de crianças/adolescentes de sexo feminino. Porém, outros bairros que também evidenciam uma alta porcentagem de mulheres (como Vila Mariana) não se enquadram nessa categoria. Observa-se, porém, uma tendência não hegemônica de regiões mais centrais e em áreas de lazer acolherem mais meninas e moças que regiões mais periféricas, oferecendo cada uma delas diferentes alternativas para geração de renda (venda de flores e prostituição nas áreas de lazer, carreto e venda de mercadorias em áreas periféricas).

As respostas dos educadores ao questionário sobre suas impressões fornecem informações complementares sobre o perfil etário e o pertencimento racial de crianças e adolescentes encontrados em situação de rua<sup>8</sup> na cidade de São Paulo.

Apesar da variação das impressões dos educadores sobre a frequência das faixas etárias (e que podem refletir diversidade real dos setores), as duas categorias situadas nos extremos das escalas (primeira e última posições) sugerem que, na maioria dos setores, predominam púberes na faixa etária dos 10 aos 15 anos e que bebês foram raramente encontrados nas ruas (Tabela 3).

A predominância de púberes nas ruas tem sido freqüentemente mencionada pela literatura (Rizzini e Rizzini, 1992), sugerindo-se que se busquem interpretações menos simplificadoras sobre o uso da rua por adolescentes do que aquelas que se baseiam exclusivamente em determinações econômicas.

A posição de destaque assumida pelos púberes se mantém também em período noturno, seguida, contudo, imediatamente de adolescentes mais velhos. O "envelhecimento" de adolescentes que pernoitam na rua quando comparados aos que aí se encontram

8 As informações retiradas do questionário devem ser tratadas como impressões. A escala final foi composta selecionando para cada categoria a posição mais freqüente. Ao lado foi indicada a frequência com que esta posição foi atribuída por educadores à categoria em questão.

Tabela 3

**DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE EDUCADORES (ANOTADORES E CANTADORES),  
SEGUNDO O REGISTRO DE SUA IMPRESSÃO SOBRE A ORDEM DE PRESENÇA  
POR FAIXA ETÁRIA DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA  
CIDADE DE SÃO PAULO, 1993**

DURANTE A CONTAGEM DIURNA						DURANTE A CONTAGEM NOTURNA					
Ordem de Presença	Faixa Etária	Nº de Educadores				Ordem de Presença	Faixa Etária	Nº de Educadores			
		Cant.	Anot.	Total	% (N=77)			Cant.	Anot.	Total	% (N=77)
1ª (MAIS PRESENTE)	10 a 15 anos	26	28	54	70.1	1ª (MAIS PRESENTE)	10 a 15 anos	9	13	22	59.5
2ª	6 a 10 anos	19	21	40	51.9	2ª	mais de 15	8	6	14	37.8
3ª	mais de 15	16	15	31	40.3	3ª	6 a 10 anos	8	7	15	40.5
4ª	até 6 anos	22	23	45	58.4	4ª	até 6 anos	11	9	20	54.1
5ª (MENOS PRESENTE)	Bebês	38	36	74	96.1	5ª (MENOS PRESENTE)	Bebês	16	17	33	89.2

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

durante o dia e a menor presença de crianças menores nas ruas sugerem duas ordens de interpretações interligadas e que necessitam ser aprofundadas.

A dinâmica da rua discrimina as idades, como discrimina os sexos; pode-se supor que famílias de crianças/adolescentes em situação de rua parecem considerar este espaço inadequado para mulheres e crianças menores. Ou seja, é possível sugerir que códigos de valores e escalonamento de escolhas parecem orientar a vida dessas famílias e de seus filhos, situando-os para além do estigma de promiscuidade que os envolveu durante a década de 80.

Os educadores registraram, também, suas impressões sobre o pertencimento racial de crianças/adolescentes em situação de rua; encontraram mais freqüentemente crianças/adolescentes negros em situação de rua que brancos (Tabela 4).

A impressão de uma presença predominante de crianças/adolescentes negros em situação de rua se articula à situação econômica e educacional desse segmento racial no país. Com efeito, a literatura brasileira recente sobre relações raciais tem evidenciado que a população pobre é predominantemente negra (Silva, 1992), que tem maior dificuldade de acesso e

permanência na escola (Rosemberg et al., 1987; Barcelos, 1993). Com todo o cuidado para não se reforçar o estigma, a interpretação dessa predominância de púberes, de sexo masculino e de negros deveria acolher não apenas explicações relacionadas às possibilidades de geração de renda na rua e fora dela como também dimensões simbólicas.

**O que fazem.** No seu conjunto, um número expressivo de crianças/adolescentes encontrados em período diurno estavam trabalhando (Tabela 5); em período noturno perambulando (42,9%), dormindo (35,1%). Mesmo durante a alta madrugada, é expressivo o número de crianças/adolescentes trabalhando (15,4%).

A alta freqüência de perambulação pode ser interpretada, em parte, pela dinâmica do uso da rua e como resultante das instruções recebidas que privilegiaram a observação do momento, evitando inferências no ato de coleta do dado. Crianças e adolescentes que usam as ruas para sobreviver se locomovem, circulam de um ponto para outro a pé. Se fossem guardadores de carro, trabalhadores sem mercadoria, e estivessem circulando, esperando um freguês, aguardando o momento propício para esmolar eram

Tabela 4

**DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE EDUCADORES (ANOTADORES E CANTADORES),  
SEGUNDO O REGISTRO DE IMPRESSÃO SOBRE A ORDEM DE PRESENÇA POR COR  
DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA**

DURANTE A CONTAGEM DIURNA						DURANTE A CONTAGEM NOTURNA					
ORDEM DE PRESENÇA	COR	Nº de Educadores				ORDEM DE PRESENÇA	COR	Nº de Educadores			
		Cant.	Anot.	Total	% (N=77)			Cant.	Anot.	Total	% (N=77)
1ª (MAIS PRESENTE)	PARDA	31	31	62	80.5	1ª (MAIS PRESENTE)	PARDA	9	12	21	56.7
2ª	PRETA	24	21	45	58.4	2ª	PRETA	7	7	14	40.5
3ª	BRANCA	28	28	56	72.7	3ª	BRANCA	11	10	21	56.7
4ª (MENOS PRESENTE)	AMARELA	40	40	74	96.1	4ª (MENOS PRESENTE)	AMARELA	18	17	35	94.6

\* Inclusive ausência de presença.

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

Tabela 5

**DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA POR TIPO DE ATIVIDADE, SEGUNDO O SEXO  
CIDADE DE SÃO PAULO, 1993**

SEXO	NÚMERO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES - PERÍODO NOTURNO												
	Total Setor	Trabalhando		Esmolando		Perambulando		Brincando		Outros		Dormindo	
	N	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Feminino	625	130	20,80	1	0,16	300	48,00	14	2,24	8	1,28	172	27,50
Masculino	162	8	4,94	3	1,85	83	51,23	1	0,62	32	19,75	35	21,60
Não Identif.	108	0	0,00	0	0,00	1	0,93	0	0,00	0	0,00	107	99,10
<b>TOTAL</b>	<b>895</b>	<b>138</b>	<b>15,42</b>	<b>4</b>	<b>0,45</b>	<b>384</b>	<b>42,90</b>	<b>15</b>	<b>1,68</b>	<b>40</b>	<b>4,46</b>	<b>314</b>	<b>35,10</b>

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

classificados na categoria perambulando. Isto é, perambular pode significar circular pelas ruas, como qualquer transeunte o faz em momentos intermediários na sucessão de atividades. Também perambular pode significar explorar a rua ou prostituir-se. Com essa multiplicidade de significados, a noite ofereceu uma melhor oportunidade de observar crianças/adolescentes perambulando, principalmente nas áreas de lazer noturno (Pinheiros e adjacências e Jardins).

Observa-se que homens e mulheres não desenvolvem as mesmas atividades com a mesma frequência: meninos e rapazes tendem a trabalhar e brincar mais do que meninas e moças que, por sua vez, esmolam mais e, à noite, perambulam mais.

Essa divisão sexual das atividades executadas na rua pode ser tanto interpretada como uma adequação de crianças/adolescentes às possibilidades de geração de renda (a rua, assim como o espaço fechado, é também gerida por leis de *marketing*) — uma menina tem mais chance de receber esmola que um rapaz —, como expressão da defesa do espaço de trabalho por pessoas/grupos mais fortes (rapazes) e da proteção física (certos espaços para geração de renda são perigosos para mulheres).

É notável a frequência de crianças/adolescentes em situação de rua trabalhando pela madrugada em

algumas regiões da cidade: no CEAGESP, na Lapa, na região dos Jardins.

O trabalho mais frequentemente notado, pelos educadores, foi o de vendedor ambulante, seguido de catador de material reciclável e guardador de carro (Tabela 6).

Diferentemente das imagens veiculadas pela mídia, educadores que percorreram as ruas da cidade observaram poucas vezes crianças/adolescentes usando drogas, em situação de prostituição ou de delito (Tabela 7). É necessário enfatizar o significado destes dados: informam, apenas, que durante o percurso do trajeto no setor, educadores observaram, em poucas situações, crianças/adolescentes nas situações descritas (usando droga, em situação de prostituição, cometendo delito). Educadores também notaram que, além de poucas vezes, eram poucas as crianças e os adolescentes que se encontravam nestas situações (Tabela 8). Crianças e adolescentes em situação de rua tendem a viver suas experiências em grupo. Dormindo, esmolando, perambulando ou trabalhando são atividades que ocorrem, principalmente, em grupos de pares, como observaram os educadores. Também se observou, com certa frequência, crianças e adolescentes acompanhados por adultos (Tabela 9). Durante o período noturno, os dados registrados na planilha evi-

Tabela 6

**DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE EDUCADORES, SEGUNDO O REGISTRO DE SUA IMPRESSÃO SOBRE A ORDEM DE PRESENÇA EM TIPO DE ATIVIDADES ENTRE CRIANÇAS/ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RUA  
CIDADE DE SÃO PAULO, 1993**

ORDEM DE PRESENÇA	TIPO DE ATIVIDADES	TURNO DE CONTAGEM							
		DIURNO				NOTURNO			
		Nº de Educadores				Nº de Educadores			
		Anotadores	Cantadores	Total	% (N=77)	Anotadores	Cantadores	Total	% (N=77)
1º (MAIS PRESENTE)	AMBULANTE	25	25	50	64,9	6	8	14	37,8
1º e 2º	CATADOR/CARREGADOR	14	14	28	36,4	2	3	5	13,5
2º (MENOS PRESENTE)	GUARDADOR DE CARRO	11	10	21	27,3	—	—	—	—

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

Tabela 7

**DISTRIBUIÇÃO DOS EDUCADORES QUE OBSERVARAM SITUAÇÕES  
ESPECÍFICAS DURANTE O PROCEDIMENTO DE CONTAGEM  
CIDADE DE SÃO PAULO, 1993**

SITUAÇÕES OBSERVADAS	TURNO DA CONTAGEM							
	DIURNO				NOTURNO			
	Número de Educadores				Número de Educadores			
	Anotadores	Cantadores	Total %	(N=)	Anotadores	Cantadores	Total %	(N=)
Usando drogas	12	13	25	32,5	5	5	10	27,0
Prostituição	11	13	24	31,2	5	6	11	29,7
Delito	5	5	10	13,0	1	1	2	5,4

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

Tabela 8

**NÚMERO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES OBSERVADOS POR EDUCADORES  
EM SITUAÇÕES ESPECÍFICAS  
CIDADE DE SÃO PAULO, 1993**

SITUAÇÕES ESPECÍFICAS	FREQUÊNCIA DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES							
	ANOTADOR		CANTADOR		ANOTADOR		CANTADOR	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Usando drogas	226	5	332	7,3	24	2,7	24	2,7
Prostituindo-se	36	0,8	46	1	42	4,7	40	4,5
Cometendo delito	12	0,3	16	0,3	0		2	0,2

\* Estes números não devem ser adicionados. O cálculo da porcentagem usou como base o número de crianças/adolescentes encontrados no período.

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

Tabela 9

**DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE EDUCADORES, SEGUNDO O REGISTRO DE SUA  
IMPRESSÃO SOBRE A ORDEM DE PRESENÇA POR CATEGORIA DE  
COMPORTAMENTO DE CRIANÇAS/ADOLESCENTES  
CIDADE DE SÃO PAULO, 1993**

ORDEM DE PRESENÇA	CATEGORIA DE COMPORTAMENTO	DIURNA				NOTURNA			
		Anotador	Cantador	Total	%	Anotador	Cantador	Total	%
1	Pedindo esmola em grupo de crianças	22	23	43	55,8	2	5	7	18,9
2	Pedindo esmola sozinho	16	17	33	42,9	—	—	—	—
3	Pedindo esmola com adultos								
1	Crianças em grupo	33	35	68	88,3	9	12	21	56,7
2	Criança com adultos	22	20	42	54,5	5	7	12	32,4
3	Criança sozinha	17	16	34	44,1	5	7	12	32,4

Fonte: Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social (1993).

denciam que crianças/adolescentes em situação de rua buscam proteção no grupo, evitando dormir sozinhas.

Em resumo, as crianças e os adolescentes observados nas ruas da cidade durante as três horas de percurso do trajeto parecem divergir em muito do estereótipo que vem alimentando o imaginário social nas últimas décadas. Durante o dia o que caracteriza seu cotidiano é o trabalho. **Trabalham mais do que es-**

**molam.** Buscam alternativas de sobrevivência nas ruas e se empenham em atividades múltiplas: fazem fila em busca de alimentos distribuídos pela Campanha contra a Fome; ajudam a descarregar a carga, auxiliam na venda, guardam carro, fazem carreto, pedem esmola, recolhem alimentos.

Nos faróis, nos trens, vendem balas, chocolates, flanela. Nas esquinas limpam pára-brisa, guardam carro, esmolam. Pelas ruas, buscam materiais recicláveis

— preservação ecológica decorrente da necessidade de sobrevivência concreta, e não produto de abstração. Nas estações, nos terminais rodoviários vendem, praticam pequenos delitos. Alguns se prostituem. Famílias de vendedores ambulantes trazem seus filhos para junto de si, no trabalho da rua: crianças pequenas brincam por ali, perto dos pais, vendem um pouco, ganham algum dinheiro, estão perto. São cuidadas. Crianças e adolescentes brincam. Durante a noite e a madrugada há ainda os que trabalham. O CEAGESP é o local de trabalho noturno. O ritmo da cidade durante a noite varia de bairro para bairro, acolhe diferentes grupos: enquanto a Sé é um grande dormitório, nos Jardins e no CEAGESP crianças e adolescentes trabalham alta madrugada.

A atividade em grupo, além de característica da idade, protege-os de agressões, auxilia na geração de renda, intensifica o prazer na brincadeira.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da pesquisa, refletindo sobre a experiência de sua coordenação e divulgação bem como sobre os dados coletados, destaco quatro aspectos principais: 1) o número relativamente reduzido de crianças/adolescentes em situação de rua diante da extensão da pobreza na cidade e na região metropolitana de São Paulo e a ausência de programas e propostas que, assim mesmo, dêem conta das necessidades desse grupo populacional; 2) a configuração de um padrão no uso das ruas por crianças e adolescentes, evidenciada tanto pela composição demográfica do grupo (predominantemente púberes, de sexo masculino e

negros) quanto pela divisão sexual de atividades aí desenvolvidas; 3) a diversidade de situações (e determinações, possivelmente) em que se encontram crianças/adolescentes na rua, porém com predominância do trabalho e a presença residual de atividades infracionais, afastando-os do retrato estereotipado que tem alimentado o imaginário social; 4) uma presença na rua de um pequeno contingente de filhos e filhas de famílias pobres, sugerindo que se atente, com muito cuidado, para generalizações abusivas sobre o descuido, o abandono ou a "anomia" de tais famílias.

Desses aspectos destacados alinho algumas sugestões para a ação: 1) é necessário investir-se na produção de conhecimentos que dêem conta das determinações não apenas estruturais, mas também culturais e psicossociais que favorecem a permanência de crianças/adolescentes nas ruas da cidade gerando renda e socializando-se; 2) é necessário escapar da armadilha da busca de uma compreensão única para o fenômeno, e procurar a multiplicidade de determinações que levam diferentes crianças e adolescentes a usarem as ruas como espaço fundamental de sobrevivência e lazer; 3) são necessárias iniciativas que desfaçam os estereótipos que vêm alimentando nosso imaginário sobre esse grupo de crianças e adolescentes, estereótipos que endurecem ainda mais as condições de vida nas ruas; 4) são necessários programas que respondam já às necessidades destas crianças e adolescentes que trabalham, comem, brincam, esmolam nas ruas. É inadmissível que uma cidade como São Paulo não disponha de vagas suficientes e adequadas para abrigar crianças/adolescentes que pernoitam em suas ruas.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

- ALVES, Alda Judith. Meninos de rua e meninas de rua. In: FAUSTO, Ayrton, CERVINI, Ruben (orgs.). *O Trabalho e a rua*. São Paulo: Cortez, 1991. p.117-32.
- BARCELOS, Luiz Claudio. Educação e desigualdades raciais no Brasil. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n.86, p.15-24, ago. 1993.
- BELÉM. PREFEITURA MUNICIPAL. FUNDAÇÃO PAPA JOÃO XXIII. *Crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de Belém*. Belém: FUNPAPA, 1993.
- BELO HORIZONTE. Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social. *Programa emergencial para meninos e meninas de rua*. Belo Horizonte: Secretaria Municipal do Desenvolvimento Social, 1993. (Seminário de Política Social. Belo Horizonte, 16 de março, 1993).
- BLASI, Cary L. Social policy and social science research on homelessness. *Journal of social issues*, v.40, n.4, p.207-19, 1990.
- BREAKEY, W. R., FISCHER, P. J. Homelessness: The extent of the problem. *Journal of social issues*, v.40, n.4, p.31-45, 1990.
- CENTRO BRASILEIRO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE CASA DA PASSAGEM. *Meninas de rua do Recife: dimensão, trajetória e sobrevivência*. Recife: Casa da Passagem, 1992.
- ESPÍNOLA, Basílica et al. *En la calle: menores trabajadores de la calle en Asunción*. Asunción, Paraguay: Callescuola, 1987.
- FASE/IBASE/IDAC/ISER. *Levantamento de meninas e meninos nas ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 1992. (Relatório de Pesquisa - Projeto "Se essa rua fosse minha").
- IBASE. *Levantamento das crianças de rua: Salvador/BA*. Rio de Janeiro: IBASE, 1990. (Projeto Axé: Terra Nova - Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua).
- IBASE. *Relatório do levantamento de crianças de rua - Município de Fortaleza/CE*. Rio de Janeiro: IBASE, 1988.
- INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA - IPPUC. *A escola na problemática dos menores de rua*. Curitiba, ago. 1987. (Relatório de Pesquisa). (mimeo)
- INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA - IPPUC; Supervisão de Informação - Setor de Pesquisa. *Caracterização da criança de rua*. Curitiba, maio 1992. (mimeo)
- JUÁREZ, Eduardo. Crianças de rua: um estudo das suas características demográficas. In: FAUSTO, Ayrton, CERVINI, Ruben (orgs.). *O Trabalho e a rua*. São Paulo: Cortez, 1991. p.91-116.

- MARTIN, Elizabeth. *Preliminary findings of assessment of s-night street enumeration*. Washington, D.C.: US Bureau of the Census, jun. 1991.
- MELLO, Almeri Bezerra de. Primeiro relatório da segunda pesquisa realizada pelo CIELA sobre meninos e meninas de rua no Recife: *Os que vivem e dormem na rua*. Recife: CIELA, 1993. (mimeo)
- \_\_\_\_\_. *Meninos e delinquentes: estudo sobre os meninos de rua do Recife e menores infratores do Estado de Pernambuco*. Recife: CIELA, 1992.
- Memorando sobre questões relativas à coleta s-night*. US Bureau of the Census, s/d. (correspondência interna)
- MEXICO. DEPARTAMENTO DEL DISTRITO FEDERAL. Comisión para el estudio de los niños callejeros. *Ciudad de México: estudio de los niños callejeros*. México: Departamento del Distrito Federal, 1992.
- MOURA, Wilson. A Família contra a rua: uma análise psicossociológica da dinâmica familiar em condições de pobreza. In: FAUSTO, Ayrton, CERVINI, Ruben (orgs.). *O Trabalho e a rua*. São Paulo: Cortez, 1991. p.151-194.
- PAULA, Sérgio Goes de. *Meninos de rua: um tumulto em detalhes*. FASE; IBASE; IDAC; ISER. Rio de Janeiro, 1992. (Projeto "Se essa rua fosse minha"). (mimeo)
- PEREIRA JÚNIOR, Almir, DRSKA, Angélica. O Significado dos números. In: PEREIRA JÚNIOR, Almir et al. (org.). *Os Impasses da cidadania: infância e adolescência no Brasil*. Rio de Janeiro: IBASE, 1992. p.80-105.
- PEREIRA JÚNIOR, Almir, BEZERRA, Jaerson Lucas, HERINGER, Rosana (orgs.). *Os Impasses da cidadania: infância e adolescência no Brasil*. Rio de Janeiro: IBASE, 1992.
- PEREIRA JÚNIOR, Almir, HERINGER, Rosana. *Experiência de contagem de meninos e meninas de rua*. Rio de Janeiro: IBASE, 1993 (Cadernos do IBASE; 9).
- PROJETO AXÉ. *Meninos que vivem nas ruas de Salvador: mapeamento e contagem*. Salvador: Centro Projeto Axé, 1993.
- RIZZINI, Irene. *A Geração de rua: um estudo sobre as crianças marginalizadas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: USU; CÉSME. 1986. (Estudos e Pesquisas; 1)
- RIZZINI, Irene, RIZZINI, Irma. "Menores" institucionalizados e meninos de rua: os grandes temas de pesquisa na década de 80. In: FAUSTO, Ayrton, CERVINI, Ruben (orgs.). *O Trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo: Cortez, 1992. p.69-90.
- ROSEMBERG, Fúlvia. A Retórica sobre criança de rua na década de 80. In: MEDINA, Cremilda, GRECO, Milton (orgs.). *Saber plural*. São Paulo: ECA; CJE; CNPq, 1994. p.135-36.
- ROSEMBERG, Fúlvia, PINTO, Regina P., NEGRÃO, Esmeralda. *A Educação de negros (pretos e pardos) no Estado de São Paulo*. São Paulo: FCC, 1987. (mimeo)
- ROSSI, P. H. et al. The urban homeless: estimating composition and size. *Science*, n.235. p.1336-41, 1987.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social. *Contagem de crianças e adolescentes em situação de rua na cidade de São Paulo*. São Paulo, Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social, 1993.
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria do Menor. *Casa Aberta*. São Paulo, Secretaria do Menor, 1992. (Série Secretaria do Menor: 3 anos de experiência).
- SARTI, Cynthia A. *A Família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo*. São Paulo, 1994. Tese (dout.) Departamento de Antropologia/USP
- SERGIPE. Secretaria do Estado da Ação Social; Fundação Renascer. *Os meninos e as meninas de rua de Aracaju*. Aracaju, 1993. (mimeo)
- SILVA, Nelson do Valle. Cor e pobreza no centenário da abolição. In: SILVA, Nelson do Valle, HASENBALG, C. A. *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Rio Fundo; IUPERJ, 1992.
- SSS/FSSDF. Relatório do cadastramento de crianças e adolescentes que trabalham na rodoviária do Plano Piloto. Brasília, 1991. (mimeo)
- UNITED STATES DEPARTMENT OF COMMERCE; Economics and Statistics Administration; Bureau of the Census. Fact sheet for 1990 decennial census counts of persons in emergency shelters for the homeless and visible in street locations. *US Department of Commerce News*, Washington, D.C., abril 1991, p.1-5.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Departamento de Serviço Social. Casa de João e Maria. *Contagem e mapeamento de meninos e meninas de rua de São Luís-MA*. São Luís, 1991. (Projeto "Estrela da Rua"). (mimeo)
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. *Projeto de extensão sobre o atendimento e a educação a meninos(as) de rua*. Relatório sobre a contagem dos meninos de rua. Porto Alegre, abril 1993. (Equipe Técnica: Carmem Maria Craidy-FACED; Luiz R. M. Centurião - Depto. de Ciências Sociais; Rosemary Brum Ferreti-IFCH). (mimeo)
- VIEIRA, Maria Antonieta da C., BEZERRA, Eneida M. R., ROSA, Cleusa M. M. (orgs.). *População de rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo; Hucitec, 1992.